

Os precursores da república irlandesa

A Irlanda irrequieta e sonhadora continuava visionando a sua emancipação que, há sete séculos e meio, o rei Henrique II de Inglaterra lhe arrebatou, apesar da resistência heroica de Roderico O' Connor — o paladino irlandês por excelência.

Vencidos mas não convencidos, os irlandeses, após cento e cinquenta anos de cativo, executaram um golpe de audácia proclamando seu rei, em Dundalk, Eduardo Bruce, irmão do rei da Escócia que, após três anos de infeliz reinado, era destronado e morto pela soberania britânica.

A aspiração irlandesa, ajudada pelo ministro inglês Gladstone e ungida pelo sangue de milhares de mártires, ainda não conseguiu furtificar, tendo servido para originar conflitos sangrentos entre os guerrilhas dos «sinn-feiners» e os soldados do Reino Unido.

Aos primeiros alvéres do século XIX, os irlandeses emigrados na América do Norte fundavam a associação secreta dos Fenianos, cujo programa era arrancar a sua pátria ao demônio inglês. Entretanto, na Irlanda, Daniel O' Connell — o Libertador — á semelhança duma aranha laboriosa urdia a sua teia de conspiração, reunindo abundantes capitais para a revolução prestes a estalar. Preso várias vezes sempre conseguiu libertar-se, valendo-se da sua poderosa influência que lhe deu acesso na Câmara dos Comuns. Os seus adversários cognominaram-no o «Grande agitador», atendendo aos inúmeros predicados revolucionários que este paladino da libertação irlandesa, em si reunia. Com efeito, O' Connell possuía tudo o que era necessário para dominar as multidões: torso atlético, voz vibrante e eloquente, estilo pomposo e cheio de metáforas bizarras.

Em 1865, isto é, dezoito anos após a morte do «Libertador», rebentava na Irlanda uma revolução republicana, auxiliada pelos Fenianos que haviam elaborado a proclamação revolucionária na Filadélfia que era, ao tempo, o seu quartel general. A obra de O' Connell começava,

enfim, a surtir os seus efeitos, embora reprimidos com todo o rigor pela autocracia inglesa.

E assim, de geração em geração, a Irlanda, sempre sedenta das suas reivindicações, vem tentando, a golpes de temeridade, partir as algemas que há tantos séculos a subjugam.



Pernell

Defendendo as justas aspirações irlandesas, devemos concordar que esta pátria tem sido martirizada pelo jugo britânico... mas não somente no seu amor próprio. A sua expansão comercial e industrial deve-se — justo é dizê-lo — á Inglaterra que, tirando dali fartos proventos, desenvolveu, com o seu espírito prático, a produção daquele fertilíssimo solo. A própria Irlanda concorda com estas benemérencias da nação que a subjuga, administra e tutela. Mas isto não basta. A Irlanda prefere ser livre, embora pobre...

O seu seio, donde saíram os grandes generais Wellington, Pack, Blake, Carol, Doyle, O' Donnell, Sarsfield, Grant, Beresford que nas guerras napoleônicas se cobriram de glória, pulsa fortemente pela sua emancipação,

sem se preocupar com as e consequências que daí lhe possam advir. Sim, porque se os irlandeses fossem privados, de repente, do comércio britânico, não poderiam evitar uma ruína completa. É na Inglaterra que eles vendem os seus produtos e, a dar-se a sonhada separação, a vida dos dois povos, modificar-se-ia por completo. A Inglaterra fecharia a sua fronteira á importação e

exportação irlandesa, desprovidos-a de carvão que é uma das suas maiores necessidades.

Apesar da justiça absoluta em que as aspirações da Irlanda se baseiam, temos de reconhecer que as consequências prováveis da sua independência seriam estas, meditadas a frio, metodicamente, pela tradicional fleugma inglesa.

Sem embargo, o sangue de vencedores e vencidos continuava a correr abundantemente, derramado pelo odio tenaz duma ambição oito vezes secular. A Inglaterra oferece regalias na intenção de doirar a



De Valera

A B C

grilheta dos forçados que não querem g... da prisão nem pe... comedouro. Prefere... o direito de poder... asas irrequietas... mitam.

Só assim se... maior de Co... do sacrifício... ção adentro da... que os assas... bendo, previa... rava, entras... erguidas, no... ria a sua c... dia, sempre... tenas de jo... generosos... tecção á... e que, dades q... faz fren... sangren... Ac... milici... encon... soma...

grilheta dos forçados. Estes, á semelhança das aves campestres que não querem gaiola, não se deixam seduzir pelo conforto da prisão nem pela prodigalidade com que lhes encham o comedouro. Preferem finar-se de fome e frio, mas sempre com o direito de poder saltitar de ramo em ramo enquanto as suas asas irrequietas e aventureiras lh'o permitam.

Só assim se compreendem que a lord mayor de Cork — personificação sublime do sacrifício — se deixasse morrer de inanição adentro das quatro paredes do carcere; que os assassinos do general Wilson, sabendo, previamente, a sorte que os esperava, entrassem arrogantes, cabeças bem erguidas, no tribunal inexorável que lavraria a sua condenação á morte; que, dia a dia, sempre com o mesmo entusiasmo, centenas de jovens formam com os seus corpos generosos uma barreira insuperável de protecção á passagem do caudilho De Valera e que, a despeito das duríssimas penalidades que a Inglaterra impõe a quem lhe faz frente, todos os dias se deem recantos sangrentos entre os «sinn-feiners» e os soldados de Jorge V.

Actualmente, o partido «sinn-fein» conta uma poderosa milícia voluntária, onde quasi toda a mocidade irlandesa se encontra alistada. Donativos particulares que chegam a atingir somas enormes e ainda empréstimos secretos habilmente nego-

ciados cobrem as despesas que tais preparativos implicam. As suas primeiras armas, fornecidas pela Belgica, desembarcavam em Howl, ás portas de Dublin, em 1914, poucos dias antes de reventar o conflito europeu, seguindo-se, sete dias depois, segunda remessa não menos importante e assim sucessivamente, em pra-

sos relativamente curtos. Por mais apreensões que as autoridades británicas consigam, não é fácil desarmar a Irlanda que tem a sua passagem de contrabando belico tão bem montada.

Não obstante o exército inglês ser hoje poderoso e bem municiado, é frequente ouvir-se contar, com ar galhofeiro, a qualquer irlandês a fanfarronada de Bismarck que, interrogado sobre o que faria se as tropas británicas desembarcassem na costa alemã, respondeu que mandaria a policia de Berlim para as prender.

E, atravez de todos os sacrificios, a Irlanda, que na sua lingua pátria se chama — Erin — isto é, «Ilha Verde», da cor da Esperança, continúa pugnando pela sua libertação.

A Inglaterra, por sua vez, não a quer reconhecer porque um movimento separatista, mais que qualquer outro prejuizo, lhe viria pôr em jogo a sua supremacia naval.

GOMES MONTEIRO.



William O'Brien.

FIGURAS DA SEMANA:



Norberto de Araujo, auctor do livro *A Irlanda dos meus amores*, que constitue a melhor obra do conhecido jornalista e tem despertado as atenções pelas interessantes crónicas que encerra



Visconde de Carnaxide, illustre director da revista *O Dirello*, que reuniu num interessante volume, que intitlou *No Fim do Outono*, cerca de dozentas páginas de interessantes versos



João Roberto dos Santos, distinto desenhador e director artistico da S. I. C., que vai ao Brasil dirigir os trabalhos dos Stands que construiu, e que constituem um verdadeiro exito estético, d'rigindo-se depois á America do Norte, em viagem de estudo

ESTÁ Á VENDA
O 3.º MILHAR DAS

MEMORIAS SOBRE SIDONIO PAES

EDIÇÃO REVISTA
PELO AUCTOR